



UM VIVA

Juliana Nascimento Berlim Amorim

Dilermando suava frio. Era sua primeira investida na carreira jornalística e caía-lhe aos pés uma tarefa que lhe faria o nome: entrevistar o renomado infectologista Oswaldo Cruz. Caso se saísse bem, a sua reputação dispararia como um torpedo e o arrojaria pelos céus do jornalismo profissional. Contudo, um passo em falso e se comprometeria de tal forma que seria impossível conseguir uma chance tão brilhante de novo. Faca de dois gumes a oportunidade que seu tio lhe arrumara. Dilermando suava, mas não desistia.

Lançara-se ao ofício de jornalista de improviso. O tio, preocupado em deixá-lo livre para arruaças ao fim dos tempos de escola, colocou o rapaz sob suas vistas trabalhando na redação da Tribuna. O moço tinha talento para a profissão: escrevia bem, pensava rápido e organizava-se inteligentemente. O problema era o fraco da boemia, que Epaminondas via com preocupação. Em seu íntimo, julgava que, se não assegurasse ao sobrinho e afilhado uma ocupação respeitável antes do ingresso na Faculdade de Direito, o temperamento algo libertino do rapaz o poria a perder-se nas farras e delírios do Rio de Janeiro. Antes fora pior, lembrou o velho. A imundície enodoava não apenas a alma da cidade, mas também sujava as ruas e adoecia os cidadãos. Se hoje a capital

gozava de saúde pública considerável, nos pensamentos de Epaminondas isso se devia em grande parte à resiliência do notabilíssimo Oswaldo Cruz. Nos pensamentos do experiente jornalista, a Mão do Nazareno que providenciara aquele herói da jovem República, tão incompreendido em seu tempo, tão venerando na história. Para ele, sem o doutor Cruz, sua família teria sido dizimada pela febre amarela. Tornava a beijar a imagem de Nossa Senhora: ofereceu a família à inovação da vacinação em massa, contrariando muitos amigos e conhecidos que o execraram por ceder tão rápido aos apelos selvagens de um cientista. Veja bem, quem era este homem que se sentia confortável em impor suas regras aos cariocas, constranger senhoras a mostrar os braços para receberem o imunizante, varrer o município com suas medidas higienizantes? De algum modo, o velho editor se sentia ligado por uma linha tênue que unia os homens da nova era: a confiança indelével no progresso e na ciência. Sendo assim, sentia-se na obrigação em render uma última homenagem ao cientista que o fascinava desde seu aparecimento na cena pública. Um retrato particular de um gênio feito pelo seu presente para a vida: Dilermando, o sobrinho brilhante e avoadado. Por causa de tanta gratidão do tio ao renomado senhor Cruz, lá ia Dilermando Reis em nome da Tribuna da Imprensa, carregando na bagagem o estranho conjunto da devoção de um fervoroso católico nos louvores do materialismo da ciência em forma de incumbência de trabalho.

A senhora Cruz recebeu o inexperiente Dilermando pessoalmente, que se acanhou diante da visão do interior da casa, mobiliada de forma simples e asséptica, como tradução física da alma do antigo aluno do Instituto Pasteur, fundador do Instituto Soroterápico de Manguinhos, orgulho mundial na produção de

vacinas. A modéstia da habitação ecoava insuficientemente a de seu dono. Sentado à varanda do sobrado, um senhor de cabeleira vasta, grisalha, olhar saturnino, temperamento sereno e firme repousava com leve sonolência.

— Sou Oswaldo. É a mim que o senhor procura — disse ao jovem que chegava, sem fazer menção de se levantar.

Dilermando se sentou sem cumprimentar o anfitrião. Levou seu caderno com anotações e o virava com rapidez, deixando claro seu nervosismo diante da figura soberba que encarava. O interlocutor não se impacientava. Tinha o olhar e as maneiras de um debilitado, com movimentação discreta das mãos que só a chegada da copeira com a merenda abrandou. Quando Dilermando conseguiu finalmente organizar as notas, que na verdade significava menos ajustar as perguntas e mais acalmar os nervos, envergou uma postura polida, impessoal, de extremo profissionalismo. O rapazola acreditou ver nos olhos do cientista uma admiração pela mudança súbita de comportamento, mas pode ter sido só uma impressão. A verdade é que, de modo retardado, as histórias do Rio de Janeiro da virada do século tão repetidas pelo tio surtiavam efeito e deixavam Dilermando nervoso por reconhecer a relevância do entrevistado.

Oswaldo Cruz respondia ao questionário com serenidade, sem, contudo, dividir grandes segredos com seu entrevistador. Não dizia nada que não constasse dos autos da História. Aluno brilhante, consagrara sua vida desde a juventude ao estudo da microbiologia. A cátedra o levava ao outro lado do mundo e o trouxera de volta a um dos epicentros mundiais das doenças tropicais. Sua cruzada contra a febre amarela na cidade do Rio de Janeiro

entraria para os anais da historiografia mundial. Como resultado de sua ousadia, foi alvo de deboche até de *O Malho*. Nem por isso fora menos pertinaz. Quanto mais resistência, mais certeza da sua missão. A intervenção na limpeza das ruas, dos morros, como o Morro da Favela, e a mudança de hábitos epidemiológicos na paisagem carioca estabeleceram novos marcos científicos nas Américas. Faltavam perguntas para a reportagem especial, porque os feitos daquele homem eram incalculáveis. Passada a angústia do começo, Dilermando anotava todos os detalhes sem cansaço. O doutor Oswaldo, porém, parecia cansado. Ao levantar o rosto do papel para uma última pergunta, o jovem recebeu a declaração pela qual um jornalista espera muitas vezes a vida inteira:

— Estou morrendo. Insuficiência renal. Em algum momento, sei que esta moléstia vai me levar.

Dilermando espantou-se com a própria tranquilidade ao lidar com semelhante furo de reportagem, que preferiu descartar. Seria um miserável se usasse tamanha dor para se promover. Haveria outras oportunidades de sucesso profissional. O retratado merecia respeito, porque homens como Oswaldo Cruz permanecem gravados na memória do povo. Deixá-los morrer em paz na dignidade de sua intimidade era um presente.

— Anote, Dilermando, como meu último pedido para esta entrevista, uma declaração final para o seu perfil. Lutei muito tempo contra as trevas da ignorância científica, mas o século que se estende diante de nós será o elogio da ciência e da razão humanas. Daqui a cem anos, no distante 2021, nenhuma pessoa se sentirá confortável em recusar saneamento básico ou protestará contra vacinas. Até lá, o espírito humano estará tão assegurado dos be-

nefícios destas tecnologias que qualquer disposição em contrário soará anacrônica. Não seremos as testemunhas das luzes em nossa terra, mas nossos netos e bisnetos viverão em um tempo que acredita na ciência, a valoriza com aportes generosos de dinheiro público para a pesquisa e o desenvolvimento científicos em larga escala. Porque, sem isso, nenhuma flor nascerá no jardim brasileiro. Como disse Voltaire, o homem deve cuidar de seu jardim. Com certeza, na década de vinte do século XXI haverá ordem e progresso, como diz nossa bandeira, e gozaremos do mar de flores de que fala nosso hino. Tudo por causa do respeito à ciência, do Oiapoque ao Chuí, do presidente de nossa jovem República à criança recém-nascida. Um viva ao pensamento científico, agora e sempre.